

OS ESPAÇOS DE ENSINO DA ARTE DOS LICEUS DE FORTALEZA

José Álbio Moreira de Sales
albio@uece.br
UECE - Universidade Estadual do Ceará

Marcos Aurélio Moreira Franco
marcosmamf@hotmail.com
UECE - Universidade Estadual do Ceará

Sandra Nancy Ramos Freire Bezerra
sandranfb@hotmail.com
UFC - Universidade Federal do Ceará

Resumo

A pesquisa desenvolvida teve como objetivo verificar condições e adequações dos espaços de ensino da arte em escolas públicas do Ensino Médio de Fortaleza, especificamente os existentes nos Liceus, tendo por base as particularidades desta modalidade de ensino e a visão de seus usuários (gestores, professores e alunos). Na metodologia optamos por uma pesquisa de natureza descritiva qualitativa, na modalidade estudo de caso. Como técnicas de investigação o questionário e a observação serviram à coleta de dados. Dentre os resultados obtidos constatamos espaços sem adaptações, reivindicações de melhoria associadas à formação docente e alguns espaços projetados em função dos resultados.

Palavras-chave: arte; ensino; espaços.

Abstract

This research has aimed to verify conditions and adaptations of the spaces of art teaching on public schools in High School of Fortaleza, specifically that ones which exist in lyceums, based on the particularities of this mode of education and the vision of its users (managers, teachers and students). In the methodology we chose a descriptive qualitative research in the form of case studies. As research techniques, the questionnaire and observation were used to collect data. Among the results we

found spaces without adaptations, claims associated to teacher training and some spaces designed according to the results.

Keywords: art, teaching, spaces.

Introdução

Com o intuito de analisar a relação entre ensino da arte e os espaços oferecidos nas instituições escolares para o trabalho com essa disciplina, elegemos os Liceus de Fortaleza como lócus de investigação a fim de extrair elementos para reflexão. Desse modo, partimos do seguinte questionamento: existem espaços adequados ao ensino da arte nos liceus de Fortaleza?

Compreender a necessidade de espaços diferenciados para o ensino da arte implica em considerar as especificidades do que chamamos de ensino da arte e a construção histórica desta prática em nosso país.

Expressar-se artisticamente tem sido uma necessidade manifestada pela humanidade em toda a sua história. Há registros de diferentes formas de expressões artísticas em diferentes tempos e locais: *“Qualquer cultura sempre produziu arte, seja em suas formas mais simples, como enfeitar o corpo com tinturas, seja nas formas mais sofisticadas, como o cinema em terceira dimensão, na nossa civilização.”* (DUARTE JÚNIOR, 1991, p.37). Algumas correntes de pensamento sobre a arte e seu ensino, entretanto, passaram a percebê-la prioritariamente como manifestação de aptidões especiais de indivíduos.

A esta corrente, os professores que defendem a arte como instrumento de educação têm se oposto, por entenderem que manifestações desta natureza podem e devem estar ao alcance de todos os cidadãos, especialmente aqueles que se encontram na Educação Básica. Nessa perspectiva, defendem o processo de criação como uma necessidade de todo ser humano, e o exercício desta faculdade uma condição indispensável para a realização dos indivíduos socialmente inseridos. Defendem que no ensino-aprendizagem da arte, o objetivo não é um produto acabado, como por exemplo, uma pintura ou escultura destinada ao mercado de arte, mas, sobretudo o processo de realização de atividades artísticas voltadas para o desenvolvimento do potencial criativo do educando. Os defensores desses princípios entendem que o desenvolvimento artístico, no âmbito da educação é de fundamental importância para a formação humana, contribuindo para o desenvolvimento cognitivo de crianças e adolescentes.

Ainda no século XIX, as primeiras iniciativas de ensino da arte resultaram de uma visão pragmática, voltada para a profissionalização, buscando uma articulação entre a arte e a nascente produção industrial. No elenco das matérias escolares, o desenho geométrico começou a ser ensinado com objetivo de preparar mão-de-obra para a atuação em fábricas. Analisando este momento histórico FERRAZ & FUSARI (1999, p. 30), comentam:

Na prática, o ensino de desenho nas escolas primárias e secundárias fazia analogias com o trabalho, valorizando o traço, o contorno e a repetição de modelos que vinham geralmente de fora do país; o desenho de ornatos, a cópia e o desenho geométrico visavam à preparação do estudante para a vida profissional - e para as atividades que se desenvolviam tanto em fábricas quanto em serviços artesanais.

No início do século XX, o ensino artístico era influenciado por correntes filosóficas podendo estas ser agrupadas em três princípios dominantes: o liberalismo, defendido por Rui Barbosa, que enfatizava a liberdade e as aptidões individuais no ensino do desenho artístico, tendo por base as formas geométricas e por meta o trabalho industrial; O positivismo, de Benjamin Constant, que concebia o estudo do desenho na perspectiva científica e do preparo para o ensino superior. E a experimentação psicológica, de Adalgiso Pereira, precursor de estudos sobre processos mentais da criança a partir da observação das suas representações gráficas e que via o desenho infantil, como uma forma de expressão psicológica. Esta última vertente abriu possibilidades de estudos no âmbito do que hoje chamamos de arte-educação.

A grande contribuição nesta perspectiva foi dada pelo inglês Hebert Read, no final da primeira metade século XX, quando propôs sua "educação através da arte". No Brasil, Augusto Rodrigues fundou em 1948, no Rio de Janeiro, a "Escolinha de Arte", iniciativa que motivou artistas e educadores a multiplicarem as escolinhas de arte por outras cidades do país. Nas décadas seguintes (1950 e 1960) surgiram iniciativas isoladas no processo de inclusão da arte na Educação Básica. Somente em 1971, através da lei 5692/71, a atividade artística passou a integrar o contexto escolar, como uma diretriz nacional da Educação Básica, com uma carga horária semanal de 2 horas-aula. A aprovação da Lei, e a conseqüente necessidade de pessoal qualificado, para a sua adequação, ensejaram o surgimento de novos cursos de formação de professores de arte, para a docência na Educação Básica. Como não havia profissionais com formação para atender à demanda, o horário das aulas de arte, passou a ser preenchido por professores das mais diversas formações, além de ser utilizado para os mais diversos fins.

Diante deste quadro, artistas e educadores, no início dos anos de 1980, passaram a reivindicar, formação e capacitação para o ensino da arte, através de um movimento chamado de arte-edu-

cação. Tal movimento foi o responsável pela criação de organizações envolvendo arte-educadores, voltadas para a valorização desta área nas escolas (DUARTE JÚNIOR, 1991), (BARBOSA, 1999, 2002). A concepção adotada pelo movimento arte-educação teve como vertente básica a “metodologia triangular”, termo que em seguida foi revisado pela autora passando a ser conceituado como abordagem triangular. Tal proposta considera como elementos norteadores do ensino a leitura da Imagem, a contextualização e a releitura. Desse modo para sua concretização tornou-se necessário a reivindicação de um projeto de ensino que envolvesse todo um aparato de ordem pedagógica, material e profissional significando que não bastava apenas a inclusão da arte no currículo, mas a formação de professores, a utilização de materiais e equipamentos adequados, e a existência de espaços projetados e/ou adaptados para esta finalidade.

Ensino da arte e espaço necessário

Para compreender o conceito de espaço enquanto *locus* da educação e arquitetura escolar enquanto tipologia de projeto e construção destinada ao ensino recorreremos inicialmente às concepções de espaço da filosofia e da geografia, para em seguida estabelecermos relações entre estas e a forma de pensar o espaço na arquitetura escolar.

A concepção de espaço, enquanto objeto de investigação, teve sua origem na cultura da antiguidade clássica, nas civilizações gregas e romanas. Durante praticamente toda a Idade Média o conceito de espaço foi tratado de forma imprecisa. Basta observarmos as obras de artes plásticas produzidas pelos artistas dos séculos VI ao X, para percebermos que não havia uma preocupação mais apurada com a representação do espaço. Somente no final da Idade Média, com a retomada dos estudos da cultura clássica, especialmente do humanismo, a civilização ocidental voltou a sentir necessidade de representação do espaço, de forma racional. Nessa busca de uma representação mais próxima do modelo natural, surgiram os estudos de geometria, que aliados a fundamentos de percepção visual, aprimoraram a representação de formas tridimensionais. Esta modalidade de representação do espaço recebeu o nome de perspectiva científica e contribuiu para uma maior autonomia dos processos produção artística no campo da pintura e da arquitetura. De acordo com KANT (citado por REINAUD, 1986, p. 6-7):

O espaço é uma representação necessária a ‘priori’, que serve de fundamento a todas as percepções exteriores. Nunca se pode representar que o espaço não existe, embora se possa pensar que não haja objetos no espaço. O espaço é considerado como a condição de ocorrência de fenômenos, não como uma determinação

dependente deles, e constitui uma representação a priori que serve de fundamento, de uma maneira necessária, aos fenômenos exteriores.

Esta noção de espaço da filosofia fornece elementos teóricos para compreendermos os conceitos de arquitetura, cuja essência gira em torno de sua dimensão espacial. Em sua grande maioria as teorias da arquitetura tentam explicá-la como arte ou ciência da concepção de espaços. Na concepção do arquiteto COSTA (2002, p.21) podemos definir arquitetura como:

construção concebida com o propósito de organizar e ordenar plasticamente o espaço e os volumes decorrentes, em função de uma determinada época, de um determinado meio, de uma determinada técnica, de um determinado programa e de uma determinada intenção.

Partindo deste conceito definimos a arquitetura escolar como a construção concebida com o propósito de abrigar atividades educacionais, através da distribuição destas em espaços projetados ou adaptados para atender a um programa e currículo pedagógico, em acordo com a cultura e a sociedade de um determinado tempo e lugar.

Na opinião do educador FRAGO (1998, p.61) *“qualquer atividade humana precisa de um espaço e de um tempo determinado”*. E como atividade humana o ensinar e o aprender não fogem à regra. O resultado disto é que *“a educação possui uma dimensão espacial”* e espaço e tempo, são elementos constitutivos, da atividade educativa. Portanto há uma relação direta entre as possibilidades e adequação dos espaços escolares e as possibilidades de aprendizagem, especialmente em disciplinas com características específicas.

As orientações para o ensino de arte, dos Parâmetros Curriculares Nacionais, defendem a qualidade e a organização do espaço, como uma maneira de favorecer a produção artística dos alunos, recomendando: *“clareza visual e funcional”* e *“flexibilidade”*. Defende a criação do espaço de trabalho como um tipo de intervenção indispensável para atingir os objetivos do ensino da arte, no qual estão presentes os sons, ritmos, luminosidades, gestos, cores, texturas e volumes, de acordo com cada linguagem e conteúdos. (BRASIL, 1998)

Na concepção de FRAGO (1998, p.33) a arquitetura escolar é *“um elemento cultural e pedagógico”*, que funciona como parte do currículo atuando de modo implícito, no cotidiano de alunos e professores, e desempenhando um papel simbólico na vida social destes, o que a diferencia de uma construção de caráter eminentemente prático.

Quando se fala em qualidade da educação, logo pensamos na formação continuada do professor, esquecendo que outros fatores, como a qualidade e adequação do ambiente escolar também

são responsáveis pela qualidade do ensino. Procurando atuar nesta lacuna é que investigamos a qualidade dos espaços destinados ao ensino de arte dos edifícios educacionais Liceus de Fortaleza.

O objetivo geral da pesquisa é verificar a qualidade e adequação dos espaços, utilizados no ensino de arte em escolas públicas do Ensino Médio de Fortaleza.

Especificamente, analisar a qualidade dos espaços destinados ao ensino de arte, dos Liceus, tendo por base as particularidades desta modalidade de ensino e a visão de seus usuários (gestores, professores e alunos).

Metodologia

Para analisar a qualidade dos espaços destinados ao ensino de arte dos edifícios escolares: Liceu Vila Velha (Nova Assunção), Liceu do Ceará (Jacarecanga), Liceu do Conjunto Ceará (Conjunto Ceará) e Liceu de Mesejana (Mesejana), todos localizados no município de Fortaleza, optamos por uma pesquisa de natureza descritiva qualitativa, na modalidade estudo de caso. CHIZZOTTI (2005, p.102) define o estudo de caso, como “uma caracterização abrangente” que serve para “*designar uma diversidade de pesquisas que coletam e registram dados de um caso particular ou de vários casos a fim de organizar um relatório ordenado e crítico de uma experiência, ou avaliá-la analiticamente, objetivando tomar decisões a seu respeito ou propor uma ação transformadora*”.

Como técnicas de investigação escolhemos o questionário e a observação. De acordo com a definição de GIL (1999, p.125) questionário é “*a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito, às pessoas tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.*” Complementando a aplicação dos questionários, utilizamos a técnica de observação simples, que de acordo com GIL (1999, p.111) é “*aquela em que o pesquisador, permanecendo alheio à comunidade, grupo ou situação que pretende estudar, observa de maneira espontânea os fatos que aí ocorreram*”. Neste procedimento, o pesquisador comporta-se como um mero espectador, para posteriormente realizar o registro. No caso desta pesquisa os registros foram elaborados em um documento chamado de diário de campo.

Na fase inicial da pesquisa, estudamos os conceitos básicos de ensino da arte e arquitetura escolar, destacando entre os autores consultados: BARBOSA, A.M. (2002, 1999, 1995), que forneceu elementos para a compreensão das tendências atuais do que se conceitua como ensino da arte, através da construção deste numa perspectiva histórica; DUARTE JUNIOR (2002, 1991), que

faz a relação entre arte e educação na perspectiva de uma educação pela arte; FERRAZ & FUSARI (1993), que tratam de aspectos metodológicos do ensino de arte; COSTA (2002), que contribuiu para a conceituação de arquitetura escolar e finalmente e FRAGO e ESCOLANO (1998), que definem as relações entre os espaços escolares e o cotidiano de professores e alunos, vendo na arquitetura escolar uma espécie de currículo invisível.

Para a pesquisa de campo foram elaborados três tipos de questionários, direcionados a gestores, professores e alunos. As perguntas tiveram como objetivo identificar os elementos que interferem de modo positivo ou negativo na qualidade dos espaços. Para garantir eticamente a privacidade da instituição, dos gestores, professores e alunos estes foram identificados nos questionários, apenas por letras e números. Ex. Liceu A, professor P1A, gestor G1A e aluno A1A.

Os questionários foram elaborados de modo a atender aos objetivos da pesquisa e ao mesmo tempo fornecer dados para futuras investigações, através de sua disponibilização em um banco de dados. Seguindo esta filosofia de trabalho, a primeira parte dos questionários tratou dos dados gerais sobre os professores, gestores e alunos, tais como: formação, sexo, idade, linguagem artística que leciona, tempo de exercício do magistério e titulação. Na segunda parte, as perguntas foram direcionadas para a qualidade e adequação dos espaços. Indagamos sobre a existência de salas ou espaços específicos para Artes Visuais, Dança, Música e Teatro. Indagamos também sobre a funcionalidade, qualidade da iluminação, suficiência das dimensões (largura / comprimento), acústica e conforto ambiental. Também foram direcionadas perguntas sobre o tempo disponibilizado para utilização dos espaços, flexibilização destes para trabalhos coletivos e individuais.

De posse da conceituação inicial, realizada através da pesquisa bibliográfica, foram finalizados os questionários e iniciada a fase de aplicação destes, configurando a etapa da pesquisa de campo.

Chamamos de A, o Liceu onde iniciamos a aplicação dos questionários e a observação. A primeira visita foi apenas de reconhecimento e de contato com os gestores para que estes facilitassem nosso acesso aos espaços, professores e alunos. Realizamos 11 (onze) visitas, das quais 5 (cinco) para aplicação de questionários, 5 para observação. A partir da experiência neste primeiro Liceu, fomos traçando estratégias para um melhor contato e para que pudessemos realizar as observações, com o mínimo de interferência do grupo gestor e dos professores. Durante a aplicação dos questionários, também realizamos pequenos ajustes, incluindo novas perguntas e retirando outras, de modo a torná-lo mais objetivo e de fácil compreensão para aqueles que os respondiam.

Partindo da experiência do Liceu A, iniciamos as visitas ao B. Neste, de imediato encontramos uma grande acolhida por parte do diretor, que se disponibilizou nos ajudar no processo de

localização dos dias e horários de trabalho dos professores, para que pudéssemos agendar as entrevistas e paralelo às aplicações dos questionários realizássemos nossas observações nos espaços destinados ao ensino da arte, especialmente nos dias e horários em que se encontravam em funcionamento. Nesse Liceu foram necessárias apenas 9 (nove) visitas para a coleta dos dados (aplicação dos questionários e observação).

A boa acolhida do Liceu B, não se repetiu no C, embora tenhamos contornado as dificuldades em tempo. A primeira visita ao Liceu C serviu apenas para o reconhecimento da estrutura externa, pois sem a presença do diretor, nosso acesso aos espaços e aos horários de trabalho dos professores de arte, ficou para a visita seguinte. Na visita seguinte através do contato com o diretor tivemos a oportunidade de agendar os dias convenientes para nossas atividades, em conformidade com a programação dos calendários do ensino da arte deste Liceu. Através da conversa com o diretor ficamos sabendo que o Liceu C, foi o primeiro a ser projetado e construído dos três novos prédios de Fortaleza. Descobrimos também que se trata de um projeto, com as mesmas características dos outros dois novos Liceus e que a distribuição de seus espaços segue as mesmas diretrizes destes, no que se refere à distribuição das atividades e articulação dos espaços internos.

Finalmente iniciamos a pesquisa no Liceu D, que apesar da mesma estrutura espacial dos novos liceus, apresenta algumas diferenças no que se refere ao ensino da arte. Nele, além das aulas são desenvolvidos três projetos, envolvendo artes visuais, música, teatro e dança. Para aplicação dos questionários e observação realizamos 8 (oito) visitas. Logo que nos foram apresentadas as instalações observamos que seguiam o mesmo padrão dos anteriores, B e C, mas também contava com os espaços que foram adaptados para a abrigar os três projetos.

De posse dos dados (questionários e observações), iniciamos a organização, leitura e análise. Para melhor procedemos a esta análise, retomamos o objetivo da pesquisa, e iniciamos a organização dos conteúdos brutos, separando as perguntas diretamente relacionadas com a qualidade do espaço e realizando cruzamento das respostas, com as informações contidas nas observações do diário de campo. Portanto, a nossa estratégia de ação foi pautada em procedimentos metodológicos, que nos possibilitaram identificar a adequação dos espaços destinados ao ensino da arte, identificando condicionantes presentes na arquitetura educacional, bem como as condições de conforto ambiental, adequação funcional, cultural e sociais que vem interferindo de maneira positiva ou até mesmo negativa no processo de ensino-aprendizagem de expressões artísticas.

Principais resultados

Como principais resultados alcançados pela pesquisa, cujo objetivo foi a análise da qualidade dos espaços destinados ao ensino da arte, dos Liceus de Fortaleza, podem ser apontados os seguintes:

a) do ponto de vista prático o resultado foi o início da organização de um acervo de informações, sobre qualidade dos espaços de ensino da arte em escolas públicas de Fortaleza.

b) do ponto de vista da contribuição da pesquisa para o avanço da discussão sobre a qualidade do ensino e a sua relação com os espaços escolares, onde acontece o ensino da arte nos Liceus de Fortaleza, relacionamos e analisamos dados que nos forneceram elementos para uma compreensão da problemática da qualidade do ensino nestas escolas, que destacamos por unidades, as quais chamamos de A, B, C e D:

Liceu A - Neste Liceu, os alunos dispõem de aulas de arte em duas linguagens: artes visuais e música. Observamos que o espaço onde o professor trabalha com artes visuais é uma sala de aula normal, sem adaptações, eventualmente podendo utilizar outros espaços como a sala de multimídias, a de informática, a quadra e o auditório. Já o espaço destinado ao ensino de música, que nos parece mais adequado para tal finalidade, vem sendo adaptado ao longo dos anos. Contudo, apesar de ter sido projetada para o ensino de música, ainda carece de condições mais adequadas para esta finalidade. Constatamos através de nossas observações e da opinião do professor de arte desse Liceu, cuja formação é licenciatura em Música, que o espaço deixa muito a desejar, no que se refere à adequação da acústica e da distribuição das atividades.

No caso das artes visuais, percebe-se que as possibilidades das aulas, estão reduzidas aos conteúdos teóricos de história da arte, dificultando atividades ligadas ao processo de produção em arte, como por exemplo, exercícios de expressão através de cores e formas tridimensionais. Percebemos também que a falta de uma formação específica do professor na área, também contribui para que este por não compreender acerca das necessidades, não reivindique um espaço mais adequado.

De acordo com FERRAZ & FUSARI (1993, p.19-20):

O trabalho com a arte na escola tem uma amplitude limitada, mas ainda assim há possibilidades dessa ação educativa ser quantitativa e qualitativamente bem-feita. Para isso, seu professor precisa encontrar condições de aperfeiçoar-se continuamente, tanto em saberes artísticos e sua história, quanto em saberes sobre a organização e o desenvolvimento do trabalho de educação escolar em arte.

Liceu B – Como reflexo da problemática dos espaços de ensino de arte do Liceu B, transcrevemos o depoimento/desabafo de um professor que assim se expressa:

O espaço é praticamente inexistente. Não existe uma carga horária para o ensino de arte, nem um espaço próprio, logo aqui não existe a arte. As escolas não foram projetadas para atender as necessidades dos alunos e professores, nesta instituição existem espaços criados para a expressão artística como um anfiteatro que não é funcional, um auditório que nem é um auditório e nem é um anfiteatro e uma quadra coberta que é multifuncional. A cobrança que faço é de duas salas uma para artes plásticas e outra para a dança e teatro. (P1B)

De acordo com nossas observações nesta escola o professor de arte não possui formação específica e ministra aulas com conteúdos de literatura e artes visuais. Através dos comentários do professor, percebe-se sua indignação com a falta de espaços adequados para o ensino de arte. Observamos que o trabalho com arte se dá na sala das demais disciplinas, apresentando-se pequena, mal iluminada, com a acústica ruim, dificultando atividades ligadas à apreciação, já que a produção nestas condições é impraticável. A contradição é que na escola existem espaços projetados com a finalidade de servirem a apresentações artísticas. Percebe-se aqui claramente uma ambigüidade onde, valoriza-se o produto final e despreza-se o processo que é a essência do ensino de arte.

Liceu C – Nesta escola encontramos praticamente a mesma problemática do Liceu B, trata-se de um projeto recente e nele os espaços de arte estão voltados para as apresentações artísticas, faltam espaços mais apropriados para o ensino. Na opinião da maioria dos professores e alunos entrevistados, o auditório é insuficiente para as atividades que ali se desenvolvem. Com relação ao anfiteatro, as queixas e justificativas para sua pouca utilização, referem-se à inadequação da inclinação dos degraus (acentos), o que provoca pouca visibilidade do local das apresentações (palco). De acordo com os gestores já existe um projeto para o “laboratório de artes”, que seria uma sala no térreo, próxima ao auditório, na qual funcionariam as oficinas de artes visuais.

Além das questões ligadas à qualidade dos espaços, constatamos que a professora, deste liceu não possui formação específica em arte e prefere trabalhar conteúdos de literatura e cultura popular, abordando-os predominantemente através de aulas expositivas. O espaço utilizado com mais frequência é a sala de aula tradicional, eventualmente usando o auditório.

Liceu D - O projeto original desta escola é praticamente igual ao das escolas B e C, porém no que se refere ao ensino de arte se apresenta de modo bastante diferenciado. Além das aulas obrigatórias para os alunos do primeiro ano, existem três projetos de arte em funcionamento ligados a Escola Viva, nas linguagens: artes plásticas, música (Camerata) e teatro e dança (Cia de teatro e dança Atos e Retratos), que contam com alunos prioritariamente das turmas dos segundos e terceiros anos. Esses projetos surgiram graças a uma premiação (dinheiro) recebida da UNESCO. Os espaços utilizados por estes projetos foram adaptados para as atividades de ensino da arte, levando

em conta suas especificidades. Funcionando basicamente aos sábados, contando para cada linguagem com um professor especializado.

No espaço de artes plásticas, que fica no térreo da escola, existem armários para guardarem os materiais utilizados – tintas, pincéis, telas... –, tem também uma mesa própria para a confecção de quadros, ar-condicionado, uma boa iluminação e um professor especializado em artes plásticas. Neste projeto, além de alunos, participam também algumas pessoas da comunidade.

No espaço da música, a sala da camerata, que fica no primeiro andar da escola, esta equipada com ar-condicionado, um quadro branco, caixas de som e armários para guardar os instrumentos. A sala possui boa iluminação e acústica. A camerata é dirigida por um professor licenciado em música enquanto o projeto de teatro e dança Cia. de Teatro e Dança Atos e Retratos, que vem funcionando há sete anos, conta com um professor específico, um espaço próprio, boa iluminação e ventilação natural. Isso nos leva a inferir que as condições apresentadas por este Liceu no tocante a dimensão espaço e estrutura material, quando confrontadas com os demais Liceus, demonstra uma situação privilegiada.

Conclusão

Com base nos objetivos e resultados apresentados sobre a qualidade dos espaços destinados ao ensino de arte, dos Liceus de Fortaleza, traçamos as seguintes conclusões:

a) Nos Liceus de Fortaleza, apesar de existirem espaços para o ensino de arte, as aulas desta disciplina ainda acontecem na sua grande maioria em salas tradicionais, sem as devidas adaptações.

b) Embora os espaços destinados ao ensino de música, predominantemente estejam mais adequados, a tal finalidade, ainda carecem de melhoria na acústica e nas possibilidades de distribuição das atividades, comprometendo os processos de ensino e aprendizagem.

c) Há uma relação direta entre a formação dos professores e as reivindicações de espaços específicos para as suas linguagens (artes visuais, dança, música e teatro). Os professores de música (maioria com formação específica) são os que mais reivindicam.

d) Onde o ensino de arte, também é ofertado através do projeto Escola Viva, a qualidade e adequação dos espaços, tem um tratamento especial, funcionando de acordo com as especificidades de cada linguagem (artes visuais, música, teatro e dança).

e) Os projetos priorizaram os espaços destinados as apresentações artísticas, como auditórios e anfiteatros, esquecendo a adequação de salas para o ensino, valorizando o produto em detrimento do processo.

Referências bibliográficas

- BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos*. 4ª. Ed. – São Paulo: Perspectiva, 1999.
- _____. *Arte-Educação leitura no subsolo*. 2. ed. revista – São Paulo: Cortez, 1999.
- _____. *Recorte e Colagem*. São Paulo: Cortez, 1989.
- _____. (Org.). *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. São Paulo: Cortez, 2002.
- _____. *John Dewey e o ensino da arte no Brasil*. 3. ed. ver. aum. – São Paulo: Cortez, 2001.
- _____. *Teoria e prática da educação artística*. 14. ed. Ed. Cultrix. São Paulo, SP, 1995.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: arte*. Brasília: Mec/ SEF, 1998. p.116.
- CAMPOS, Neide Pelaez de. *A construção do olhar estético-crítico do educador*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002.
- CHIAZZOTTI, Antonio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez, 2005.
- COSTA, Lúcio. *Arquitetura*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2002.
- DUARTE JUNIOR, João-Francisco. *Por que arte-educação?* 13. ed. Campinas: Papyrus, 2002.
- _____. *Fundamentos estéticos da educação*. 6. ed. Campinas: Papyrus, 1991.
- FERRAZ, Maria Heloísa C. de T. & FUSARI, Maria F.de Resende e – *Metodologia do ensino de arte* – São Paulo: Cortez, 1993.
- IAVELBERG, Rosa. *Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores*. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- MARIN, Alda Junqueira (org.) *Educação continuada: reflexões alternativas*. Campinas – SP: Papyrus, 2000.
- NEUFERT, Ernst. *A arte de projetar em arquitetura*. São Paulo: Gustavo Gili do Brasil, 1976.
- REYNAUD, Alain. *A noção do espaço em Geografia*. In: *O espaço interdisciplinar*. (cord.) Milton Santos e Maria Adélia A. de Souza. – São Paulo: Nobel, 1986.

VIÑAO FRAGO, *Curriculo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

Mini-currículo

José Albio Moreira de Sales é graduado em Arquitetura, com Doutorado em História/História da Arte e estágio Pós-Doutoral em Ciências da Educação na Universidade do Porto – Portugal. Atualmente integra o Mestrado Acadêmico em Educação da Universidade Estadual do Ceará, na condição de vice-coordenador, onde desenvolve e orienta pesquisas voltadas para o Ensino de Arte, História da Arte e Arquitetura Escolar.

Sandra Nancy Ramos Freire Bezerra é graduada em História pela CESA/Centro de Ensino Superior de Arcoverde PE. É especialista em Teoria e Metodologia da História e em Arte-Educação, pela URCA, Universidade Regional do Cariri e Atualmente desenvolve seu projeto de mestrado sobre Tradição, Memória e Oralidade, nas narrativas de Assombrações no Cariri pela UFC - Universidade Federal do Ceará.

Marcos Aurélio Moreira Franco é graduado em Pedagogia e especialista em Arte-Educação, pela URCA - Universidade Regional do Cariri e Atualmente desenvolve seu projeto de mestrado sobre saberes docentes em arte no Mestrado Acadêmico em Educação – CMAE da Universidade Estadual do Ceará – UECE.